

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

Os GACs

A situação nacional exige que seja imediatamente feito um grande esforço pelo Partido para levar à prática a palavra de ordem de criação dos GACs.

Os materiais até hoje publicados não dão uma idéia suficientemente precisa de como organizar os GACs, da sua missão e das suas tarefas. Além disso, um estudo mais atento do problema, coloca o Partido na necessidade de corrigir certas instruções de detalhe dadas inicialmente às organizações do Partido quanto à formação dos GACs. Daí o presente documento.

Este documento deve ser lido, estudado e discutido em todos os escalões do Partido. Cada escalão do Partido deve manifestar à Direcção do Partido a sua opinião sobre a orientação que, no presente documento, é dada aos GACs. Deve também encerrar imediatamente as medidas práticas para a realização das consignas e instruções contidas neste documento. Todos os escalões do Partido devem encerrar as tarefas que lhe são colocadas em relação aos GACs como das suas mais importantes tarefas no momento presente.

I

A necessidade dum destacamento armado da Unidade Nacional

As condições amadurecem para a revolução nacional-democrática. E pergunta-se: como se efectuará a revolução nacional-democrática que porá fim ao fascismo? O fascismo será derrubado pelo levantamento nacional popular, em conjunto com a acção das forças armadas fiéis à causa do povo e do país.

O levantamento nacional não será um movimento pacífico. Será uma greve geral e a insurreição. Para a insurreição, o povo português precisa de ter homens treinados na luta armada, homens capazes de tomar a vanguarda das acções armadas. Daí a necessidade dum destacamento armado do movimento de Unidade Nacional.

O Partido Comunista defende a unidade do povo com as forças armadas na luta contra o fascismo traidor. Há que atrair ao movimento de Unidade Nacional a parte democrática e patriótica das forças armadas. Mas o povo

não deve confiar a revolução nacional-democrática somente à acção das forças armadas. E, além disso, deve ter os seus organismos próprios que o defendam das forças armadas fascistas e sejam capazes de lutar contra elas.

Por outro lado, estando nós à beira duma crise revolucionária, e defrontando a violenta repressão fascista, impõe-se cada vez mais que se dê uma resposta a essa repressão. Com o amadurecimento da crise revolucionária, tornar-se-ão cada vez mais frequentes as colisões armadas entre as forças fascistas de repressão e o povo português. Daí a necessidade de destacamentos armados que possam defender as massas populares das violências da repressão fascista.

O Partido Comunista pensa que os GACs se devem, desde já, transformar nestes destacamentos. Quanto à sua evolução futura, a experiência e as modificações na situação nacional irão



o sentido em que se efectuará. Mas representar um importante papel na acção é de excluir que possam vir a insurreição.

2

As acções armadas e as massas

Os GACs não são grupos de heróis que levarão a cabo a revolução. A insurreição não é a acção isolada de grupos armados. A insurreição é o levântamento das mais vastas massas populares.

Também, antes da insurreição, as acções armadas não podem ser encaradas como acções divorciadas das massas. Ao contrário, as acções armadas devem ter lugar como apoio a movimentos de massas ou, quando sem directa ligação com um movimento de massas, devem, pelo menos, contar com o apoio das massas.

Para que as acções armadas contem

com o apoio das massas, devem corresponder à situação concreta num momento dado. Todas as acções que os GACs venham a empreender deverão ser, ou em apoio duma luta de massas, ou contar com o apoio ou aprovação das massas. Serão de condenar acções armadas ou outras acções que separem os GACs das massas. Pela sua acção, os GACs devem tornar-se conhecidos das massas como os seus organismos de defesa, como os seus organismos mais aguerridos, como um destacamento armado do nosso povo, ao serviço do povo e do país.

3

Os GACs devem agir desde já

Os GACs devem tornar-se verdadeiros organismos de combate, tendo-se em vista que se tornem destacamentos armados da Unidade Nacional, agindo sob a direcção do Conselho Nacional.

Mas, para que se tornem verdadeiros organismos de combate, necessitam de agir desde já. Só na acção ganharão o treino e experiência para acções futuras.

Um GAC formado deve ser um GAC a actuar. Os GACs não são só necessários para a insurreição. São necessários para as lutas que antecedem a insurreição. Um GAC que se formasse e ficasse esperando de braços cruzados a hora H da insurreição, seria hoje um organismo quasi inútil e nunca poderia vir a ser amanhã um destacamento armado para a insurreição.

Ficarem parados representaria a morte para os GACs.

Desde já podem ser atribuídas aos GACs importantes tarefas de harmonia com a situação presente. Aos GACs pode caber a defesa armada das massas contra a brutal repressão fascista, o assalto e distribuição pelo povo de géneros assambarcados, a defesa do povo e dos militantes anti-fascistas contra os seus inimigos, a execução de campanhas de agitação, a obtenção de armas e munições quer para o próprio GAC quer para outros, etc. Estas são algumas das tarefas gerais que,

desde já, os GACs poderão começar a levar a cabo. Mas as organizações do Partido não se podem de forma alguma limitar a indicar aos GACs as suas tarefas gerais, deixando ao próprio GAC a escolha da acção a efectuar, a forma de a efectuar, e a sua realização. Ao contrário, cada organização do Partido, à volta da qual foram formados GACs, deverá, em cada caso concreto, ajudar os GACs na determinação da sua tarefa num momento dado e no plano para a sua execução. Essa ajuda será também como finalidade o exercício dum apertado contróle sobre a actividade dos GACs de forma a assegurar que as suas acções sejam sempre orientadas duma forma justa. Neste sentido, é muito importante que as organizações e membros do Partido façam um trabalho político nos GACs, de forma a que cada GAC tenha uma exacta idéia da presente situação nacional e das características e finalidades da sua actuação.

Um GAC formado deve ser um GAC a actuar. E isso implica que, logo que um GAC esteja formado, haja uma reunião do GAC, não tanto para que os seus componentes se conheçam, como para imediatamente estudar e assentar numa acção concreta a levar a cabo. E, realizada uma acção, imediatamente se devem tirar as respectivas experiências e imediatamente (quando não haja

**GES
PCP**

razões especiais que o desaconselhem) preparar e levar a cabo nova acção.

Os GACs não devem ter reuniões no mesmo pé em que as têm as organizações partidárias. Não devem ter reuniões periódicas com o único fim de manter a sua existência. Salvo casos especiais, uma reunião dum GAC deve

ser sempre efectuada com o fim de concertar uma acção concreta a levar a cabo.

A acção, o combate, é a própria vida dos GACs e só a acção, o combate, tornará possível o seu fortalecimento e desenvolvimento, tornará possível que se tornem verdadeiros destacamentos armados da Unidade Nacional.

4

O Partido criador e dinamizador dos GACs

A formação de GACs é uma palavra de ordem do Conselho Nacional. Mas ao Partido, como força de vanguarda do movimento de Unidade Nacional, cabe fundamentalmente a organização e dinamização dos GACs. No momento presente, só o Partido está em condições de tornar os GACs verdadeiros organismos de combate.

Não se coloca a palavra de ordem de todos os membros do Partido fazerem parte de GACs. Presentemente, isso poderia significar que organizações do Partido se desviassem das suas actividades políticas e de organização e passassem a ser organismos sectários sem uma actuação como Partido e sem uma actividade de massas. Mas, se, por um lado, não se diz para todos os membros do Partido fazerem parte de GACs, por outro lado coloca-se a todas as organizações e membros do Partido a tarefa de organizarem e dinamizarem os GACs.

Cada organização do Partido deve, não só estudar e dirigir a criação de GACs, entre homens que não têm estado organizados, como encarar a participação de membros do Partido na própria actividade dos GACs. Cada organização do Partido deve analisar cada caso concreto, escolher camaradas para essa actividade, determinar ou autorizar que este ou aquele membro do Partido pertença a um GAC. Essa participação

de membros do Partido nos GACs deve ser feita de forma a não enfraquecer as organizações partidárias, a não prejudicar a sua actividade política e de organização, mas, ao contrário, a fortalecê-la.

Muitos GACs poderão ser criados por membros do Partido sem que a eles pertençam membros do Partido. Os GACs são agrupamentos de Unidade Nacional onde cabem homens decididos de todas as tendências políticas e religiosas. Mas, onde seja possível, em cada GAC deve haver um comunista. Os GACs são formados para actuar, e os comunistas, na generalidade dos casos, só os poderão levar a actuar, na medida em participem directamente nessa actuação.

O Partido (assim como o Conselho Nacional) encara que, à medida que se desenvolvam os GACs, deve ser criado o seu esquema próprio de organização, independente da organização do Partido, das outras organizações aderentes ao Conselho Nacional, e da organização política da Unidade Nacional (Comités de Unidade Nacional) com os seus organismos próprios de direcção. À medida que se desenvolva a organização dos GACs, o Partido encara que sejam destacados membros do Partido para os organismos de direcção dos GACs e para a intensificação da actividade dos GACs.

As Comissões de Unidade devem tornar-se COMISSÕES PERMANENTES

AS Comissões de Unidade, formadas no decurso duma luta concreta, nas fábricas, empresas, barcos, construções, herdades, outros locais de trabalho, indústrias, localidades, devem conti-

nuar funcionando após essa luta, ligadas estreitamente às massas, apoiadas pelas massas, chamando constantemente as massas a novas lutas e dirigindo-as nessas novas lutas.

TRABALHO COLECTIVO nos organismos partidários e de unidade

EM muitos sectores, os nossos militantes mais activos estão sobrecarregados de trabalho. Muitas ligações, muitos controlos, muitas tarefas. E o resultado desta situação é que esses militantes, não só fazem um esforço superior às suas possibilidades, como não podem executar convenientemente cada uma das suas tarefas.

Sem dúvida que uma das razões fundamentais desta situação é o grande aumento da organização e actividade de massas do nosso Partido e as novas tarefas que a situação nacional e internacional coloca ante o Partido. Mas, se muitos dos nossos mais activos militantes estão violentamente sobrecarregados, isso deve-se também ao facto de não saberem organizar o trabalho nos respectivos sectores.

Muitos desses nossos militantes chamam a si a execução de muitas tarefas que deviam caber a organizações colectivas. Isto dá-se, tanto no que respeita às actividades especificamente partidárias, como no que respeita à condução de acções de unidade.

São frequentes as células e Comités Locais do Partido (e mesmo organismos superiores) em que, em vez dum trabalho colectivo, com distribuição de tarefas por todos os camaradas e com a participação activa de todos os camaradas em todo o trabalho do sector respectivo, se verifica que um ou dois camaradas conduzem pessoalmente a quasi totalidade do trabalho. São também frequentes os casos de movimentos reivindicativos em que camaradas do Partido, em vez de basearem a sua actuação na acção colectiva das Comissões de Unidade, em vez de procurarem dar a estas o verdadeiro papel de dirigentes do movimento, em vez de procurarem que os membros das Comissões distribuam tarefas e as executem, se sobrepõem às Comissões, realizando um trabalho pessoal. Noutros casos ainda, as organizações do Partido e militantes mais activos não sabem encontrar formas orgânicas para a realização de várias tarefas nos seus sectores.

E, aqui está como muitos dos nossos militantes mais activos estão sobrecarregados de trabalho, com prejuizo da execução das suas tarefas.

Sem dúvida que em muitos sectores

(em virtude do extraordinário desenvolvimento da esfera de acção do Partido) se luta com falta de quadros. Mas esse tipo de trabalho pessoal é o que mais pode impedir o desenvolvimento dos quadros e a revelação de quadros novos.

Esta situação impõe a realização imediata duma série de medidas, sob pena de ficar comprometida toda a continuidade do trabalho partidário e ficar entravado o desenvolvimento do Partido nas condições extremamente favoráveis que actualmente se apresentam.

Em toda a parte deve ser feito um esforço decidido para o regular funcionamento das organizações partidárias, para o qual as Resoluções do I Congresso Ilegal chamavam já a atenção. Cada organização do Partido deve reunir regularmente, discutir colectivamente todas as questões do respectivo sector, distribuir tarefas por todos os seus membros. Para a execução de muitas tarefas, devem ser criados organismos especiais (de agitação, de controlos, etc). Em toda a parte onde as circunstâncias o aconselhem, deve ser feito um esforço decidido para a descentralização da organização, criando novos Comités Regionais, subdividindo Comités Regionais, criando sub-regionais, multiplicando a formação de Comités de Zona.

Em toda a parte deve ser feito um esforço decidido para o regular funcionamento das Comissões de Unidade e para que estas adquiram o seu verdadeiro papel de dirigentes de lutas de massas.

Com a realização destas medidas, poder-se-á resolver em grande parte a situação em que muitos dos nossos mais activos militantes conduzem um trabalho demasiado pessoal, estão sobrecarregados de trabalho e não podem cumprir eficientemente as suas tarefas.

«Defender da policia e desenvolver politicamente os quadros experimentados que existem, e criar novos quadros de direcção, central, regional, local e de empresa, deve ser a preocupação fundamental de toda a nossa politica de quadros.»

(Resoluções do I Congresso Ilegal do Partido, pág. 5, cap. 4, 9)

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES nas Comissões de Unidade

A mulher trabalhadora, participando ao lado do homem na produção e no trabalho, é vítima duma maior exploração. Realizando muitas vezes um trabalho igual ao do homem, recebe salários muito inferiores, e está sujeita, pela sua condição de mulher, a constantes humilhações e perseguições, não só pelos patrões como pelos encarregados ou chefes.

Um trabalho pelo qual o homem recebe 13500 ou 18500, ganha uma mulher 5800 ou 8000. A jovem operária chega a ganhar de 2450 a 3450.

Assim, a mulher trabalhadora vai beneficiar o capitalista, vai permitir mais lucros ao seu pior inimigo, ao inimigo da sua família, ao inimigo da sua classe.

Mas as mulheres trabalhadoras já vão compreendendo qual o seu verdadeiro papel na vida e a exploração de que são vítimas. As mulheres trabalhadoras já vão compreendendo qual o seu papel na luta pela liquidação da situação em que se encontram, na luta pelo aumento de salários, na luta pelos géneros, na luta por melhores condições de vida. As mulheres trabalhadoras já compreendem a necessidade e a vantagem da luta e têm dado provas de que são capazes de lutar com firmeza e decisão ao lado dos seus companheiros de trabalho.

Seria, pois, um erro ver o problema da mulher trabalhadora desligado da luta geral dos trabalhadores, ou querer solucioná-lo em separado, desligado da solução geral dos problemas da sua classe.

Trata-se, assim, de compreender, em primeiro lugar, que a mulher trabalhadora é na empresa, na fábrica, na oficina, no campo, no escritório, uma vítima da exploração salazarista. Em segundo lugar, que a mulher trabalhadora deve ser encarada como um factor preponderante na luta contra o patronato, na luta contra o fascismo salazarista, na luta por melhores condições de trabalho.

Por isso impõe-se que as mulheres trabalhadoras participem activamente nas lutas da sua classe. Mas é necessário que essa participação não apareça duma maneira esporádica mas sim organizada. É necessário que elas dirijam a sua luta, que na luta contra o

patronato, na luta por melhores salários, na luta por melhores condições de vida, na luta contra o fascismo, as mulheres trabalhadoras ocupem o lugar que lhes compete.

O trabalho de organização entre as mulheres apresenta, porém, grandes dificuldades. O atraso político, os preconceitos de educação, tornam difícil em muitos casos a organização das mulheres em células do Partido.

Daqui a necessidade de procurar formas simples de organização das mulheres que se destaquem na luta, de acordo com a sua condição.

Que temos nós feito neste sentido? Neste aspecto, o nosso trabalho tem sido muito débil. Os nossos militantes têm subestimado o trabalho de organização das mulheres. Não as têm sabido chamar à luta, não as têm sabido interessar nas lutas reivindicativas da sua fábrica, da sua oficina, do seu escritório. Assim não as fazem participar nas Comissões de Unidade que se organizam na sua fábrica (às vezes em fábricas onde a maioria do pessoal é feminino).

Numa fábrica da localidade X, organizou-se uma Comissão para ir junto do patronato exigir aumento de salários, melhoramento da sopa e protestar contra a actuação duma «Comissão de Melhoramentos» nomeada pelo patronato. Pois, embora o pessoal fosse, na maioria, constituído por mulheres, os nossos camaradas não interessaram a secção das mulheres no movimento. Mais tarde, porém, no decorrer da luta, verificaram que tinham cometido um erro, pois as mulheres tomaram um papel activo no desmascaramento da «Comissão de Melhoramentos».

Entretanto, há já muitos exemplos de luta que nos mostram que as Comissões de Unidade são formas de organização capazes de mobilizar as mulheres.

Ainda há pouco as operárias da fábrica «Dragão» de Matozinhos viram as suas reclamações satisfeitas depois duma Comissão, eleita por todas elas, ter ido ao Sindicato protestar contra as arbitrariedades cometidas pelo patrão que as fazia trabalhar sem descanso até às 11 horas da noite.

Nesta localidade, em Fagalicão, numa fábrica de malhas de seda, uma

Comissão de operárias foi ao Sindicato protestar e exigir o cumprimento do contrato colectivo no que se refere ao horário de trabalho, pois estavam a ser obrigadas a realizar tarefas em casa sem receberem mais por isso.

Estes exemplos e tantos outros, em que mulheres participam nas Comissões ao lado dos seus companheiros de trabalho, provam-nos, uma vez mais, a possibilidade das mulheres trabalhadoras participarem ao lado do homem nas lutas reivindicativas, nas lutas contra o patronato e o fascismo através das Comissões de Unidade.

É, portanto, fundamentalmente à base

das Comissões de Unidade que devemos orientar o trabalho de organização das mulheres trabalhadoras. Claro que isto não exclui a organização das mulheres em células do Partido ali onde surjam condições para a sua formação.

É necessário que os nossos militantes se habituem a encarar as mulheres trabalhadoras como parte integrante da classe trabalhadora desempenhando um papel importante na luta contra o patronato e o fascismo de Salazar. É necessário mobilizar e organizar as mulheres trabalhadoras para as próximas grandes e decisivas jornadas, para as próximas grandes e decisivas lutas.

PELA CONQUISTA DAS CASAS DO POVO

A mobilização dos camponeses pelo nosso Partido, na luta activa contra o governo fascista de Salazar, é tarefa fundamental.

Naturalmente que não basta estar de acordo com esta consigna do nosso Partido, é imprescindível saber como a levar à prática.

Não basta abandonar um ou outro camponês anti-fascista e fazer dele membro do nosso Partido, é preciso saber orientá-lo no sentido de que ele seja capaz de mobilizar os seus companheiros na luta constante e diária contra o fascismo e se torne verdadeiro dirigente, activo e abnegado lutador da sua classe.

O sentido desta orientação ainda não foi absolutamente compreendido por todas as nossas organizações e camaradas ligados ao trabalho camponês. Há ainda muitas organizações e camaradas que têm a concepção de que «não é possível fazer nada» nas Casas do Povo, que «os camponeses são rudes e estúpidos» ou «os nossos camponeses são muito analfabetos», isto para desculpá-los a sua nula ou quasi nula actividade entre os camponeses.

Mas esta concepção errada tem de acabar e acabará na medida em que nos lancemos decididamente ao trabalho na conquista dos camponeses, na conquista dos seus organismos de classe.

Como consegui-lo? Convencendo e esclarecendo as massas camponesas, duma forma paciente mas activa e decidida, no trabalho, nas praças de homens, na taberna, ali onde se encontram, de que a sua situação miserável só será modificada na medida em que

se unam e lutem pela suas reivindicações.

¿Mas onde e como unir-se para lutar em conjunto, duma forma colectiva e organizada? Onde? Nas Casas do Povo. Como? Entrando para as Casas do Povo, organismos de classe dos camponeses, já creados e capazes de serem transformados em verdadeiros organismos de luta e defesa dos interesses dos camponeses explorados.

¿E como transformar as Casas do Povo em organismos de luta e defesa dos camponeses explorados? Aconselhando e esclarecendo os camponeses da necessidade que têm de entrar para as Casas do Povo, e aí conduzirem a luta pelos seus interesses gerais: elegendo comissões que exijam das respectivas direcções acção positiva em beneficio dos camponeses; elegendo para as respectivas direcções pessoas honestas e da sua confiança; exigindo eleições livres, que as Casas do Povo não sejam mais o coio dos fascistas e dos laiaios dos grandes exploradores agrários; fazendo das Casas do Povo autênticos organismos de luta e defesa dos camponeses explorados.

Lutar pela entrada em massa dos camponeses para as Casas do Povo; pela formação de comissões dentro das Casas do Povo que exijam das direcções um trabalho positivo em defesa dos camponeses; por eleições livres de homens honestos e da confiança dos camponeses; pela expulsão das Casas do Povo dos fascistas e sabujos ao serviço dos grandes exploradores agrários; eis as tarefas de todas as organizações e camaradas.